

MULHERES SOLTEIRAS VERSUS MULHERES CASADAS: CONSTRUINDO DIFERENÇAS NOS JORNAIS CAMPIENENSES

ANDREA CRISTINA MARQUES*¹

Nas décadas anteriores aos anos de 1970, o mundo passou por grandes mudanças, dentre as quais podemos citar as duas grandes guerras, a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, exemplos de acontecimentos que repercutiriam no modo de ver e pensar o mundo pelas pessoas.

Seguindo essa esteira, uma crise se instauraria a partir desse período também na teoria histórica. Esta crise colocava em xeque os antigos modelos explicativos da realidade, mostrando uma certa falência destes, pois não mais conseguiam explicar a realidade passada por meio de seus conceitos. Assim, os modelos teóricos como o do marxismo e dos primeiros *Annales* entravam em decadência, por não conseguirem mais responder às novas questões colocadas pelo mundo naquele momento (PESAVENTO, 2004: 12)

Com essas novas questões veio também um novo paradigma histórico, o da História Cultural que trouxe para os domínios de *Clio* a emergência da subjetividade como uma outra questão para os historiadores se preocuparem. Então será a partir das experiências vivenciadas, das emoções, sentimentos, ideias, temores, desejos que o historiador tentará traduzir um determinado momento histórico. Trabalhar com o sensível tornou-se possibilidade para o trabalho do historiador, porém sem abandonar a perspectiva de que esse momento deve ser historicizado (PESAVENTO, 2005: 2).

Essa reação ao paradigma tradicional da história ocorrida entre os anos de 1960 e 70 se tornou segundo Burke (1992), um fenômeno mundial que envolveu historiadores de todos os lugares. Porém, ainda segundo ele, essa reação está intimamente ligada a uma tendência bem mais antiga, que teria se iniciado ainda com os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre ao fundarem a revista *Annales* ainda no ano de 1929, seguidos pela geração seguinte, a de Braudel. Sendo tudo esse movimento parte da revolta deles enquanto historiadores com relação as teorias rankeanas.

¹ Mestranda em História pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

A preocupação da Nova História como é colocada por Burke (1992), ou História Cultural, é colocar novas questões, novos objetos e novos problemas, além de encorajar os historiadores a se utilizarem da interdisciplinaridade, saindo do isolamento e aprendendo a usufruir da antropologia, da psicologia, filosofia, literatura, sociologia, enfim, se aproximando e mantendo um contato mais próximo com esses campos.

E com essas novas preocupações colocadas pela História Cultural, é que construir uma história a partir das sensibilidades seria possível, sensibilidades essas já estavam sendo propostas pelos Annales num momento em que a história que se fazia ainda era a das mentalidades, onde a intenção era traduzir o espírito de uma época e entrar em sintonia com uma determinada época (PESAVENTO, 2005: 2)

Mas, segundo Sandra Pesavento (2005), trabalhar as sensibilidades é um grande desafio, fazendo parte do trabalho do historiador que lida com as representações no âmbito da História Cultural o imperativo de atingir “*as sensibilidades de um outro tempo e de um outro no tempo, fazendo o passado existir no presente*” (PESAVENTO, 2005:1). Para a autora, essa grande questão que se coloca para o historiador não é um problema que se resume as fontes, indo além disso, ou seja, é também uma questão epistemológica imprescindível para a compreensão histórica. E esta por sua vez está intimamente ligada com a questão das sensibilidades, sem a qual não será possível conseguir reconfigurar o passado, no sentido proposto por Paul Ricoeur.

Por isso, tentando perceber como se deram as maneiras de representar as possibilidades vivenciadas pelas mulheres na década de 1950 na cidade de Campina Grande, somos desafiados a reconfigurar através da pesquisa histórica de que maneira, por quê, as mulheres solteiras foram representadas negativamente. Para tanto, faz-se necessária a sensibilidade no trato das fontes como também para tentar compreender o outro estudado, pesquisado.

Para analisar a maneira de viver e sentir das mulheres assim como a representação acerca delas, reconfigurando num tempo passado é necessário entendermos como a mulher passou a figurar como uma personagem relevante, historicamente falando, ou como as mulheres entraram em cena na história, a partir de que contexto teórico e metodológico.

Iniciado pelos Annales, terceira geração, nos anos 60 e 70, trouxe como possibilidade tanto a entrada das mulheres nesse grupo de historiadores como também proporcionou a produção de uma história das mulheres, a exemplo da história feita por Michelle Perrot e Georges Duby.

Segundo Burke (1991) a terceira geração dos Annales inovou trazendo novas abordagens, tendência que estava acontecendo mundialmente. E foi nesse momento que Michelle Perrot e Georges Duby estavam organizando o livro História das mulheres do ocidente, dando o pontapé inicial no que seria um dos primeiros estudos sobre a história das mulheres, o que anteriormente tinha sido esquecido pelas primeiras gerações dos Annales.

E nos anos 60, o movimento feminista contribuiu bastante para a construção da história das mulheres que estava surgindo. Trazendo uma gama de questionamentos em relação ao que estava sendo discutido com relação às mulheres, o feminismo apareceu para reivindicar mais recursos para as mulheres e para denunciar a persistência da desigualdade, enfim, a discriminação baseada na diferenciação sexual. Foram criados cursos, colóquios e grupos de reflexão para debater o que se relacionava a história das mulheres, multiplicando as pesquisas, o que tornou a história das mulheres um campo conhecido nos campus das universidades européias e também dos Estados Unidos.

Porém, era necessário um modo de pensar a diferença e como essa construção define as relações entre indivíduos e os grupos sociais. Pensar a diferença dentro das relações homem-mulher tornou-se uma tensão, pois se passou a questionar a história das mulheres e o fato dessa história colocar de maneira universal as questões femininas, sendo uma questão crucial colocar em debate as diferenças cada vez mais visíveis, trazendo à tona a necessidade de articular o gênero como uma categoria de análise.

Assim foi dada ênfase às construções e os significados produzidos para as categorias “homens” e “mulheres”, analisando como seu significado é assegurado. (SCOTT apud BURKE, 1992:87-88). E essa análise pretende examinar as práticas e os contextos dentro dos quais os significados da diferença sexual são produzidos, encarando a masculinidade e a feminilidade como posições do sujeito e não necessariamente restritas a machos e fêmeas biológicos, como coloca Judith Butler.

Surgia naquele momento a necessidade de superar a visão dicotômica entre a vitimização ou os sucessos femininos, na perspectiva de visualizar toda a complexidade da sua atuação. Para dar conta dessa complexidade passou a ser utilizada a categoria gênero, que teoriza a questão da diferença sexual. Deixando claro também que homens e mulheres estão sempre se relacionando, por isso não podemos dizer que as questões de gênero se resumem as mulheres, contemplando ambos em suas relações.

Assim a categoria gênero veio para romper com a visão que reservava vida privada e submissão para as mulheres e independência e vida pública para os homens. Nesse sentido, foram surgindo novos temas de pesquisas na área de história que incluíam as mulheres, como sobre a ação e a luta das mulheres; mulher e trabalho; mulher, família e maternidade; mulher e sexualidade; iniciando uma quebra na história em que as mostrava enquanto vítimas, numa visão essencialista das identidades femininas, impondo assim uma novos paradigmas para a disciplina, acontecendo assim uma reavaliação crítica nos critérios dos trabalhos já existentes.

Sendo assim, foram sendo construídas novas possibilidades identitárias relacionadas as relações homem-mulher, percebendo essas relações através de outras perspectivas, proporcionadas também pelos questionamentos vindos do movimento feminista da década de 1960.

É a partir desse momento questionador que passou-se a compreender que as identidades não são fixas, por isso as antigas identidades femininas, que destinavam as mulheres somente aos serviços domésticos, a ser mãe e esposa deram espaço para outras possíveis, como as das mulheres que se dedicaram a estudar, trabalhar, entre outras experiências.

Campina Grande e as novas identidades femininas

Mas, e como andavam as mudanças identitárias femininas na cidade de Campina Grande ainda nos anos de 1950?

As primeiras décadas do século XX foi uma época em que a cidade de Campina Grande estava vivendo um período de transformações econômicas, culturais e políticas, onde aconteciam também deslocamentos de costumes, embora respaldados ainda numa ordem patriarcal. Porém, a historiadora Silêde Cavalcanti coloca que na primeira metade do século XX havia emergência de novos comportamentos, pois “Campina ao mesmo tempo que sofre sujeições, produz subjetividades, revelando como todas as construções e invenções humanas, ambiguidades e contradições.” (CAVALCANTI, 2000:76)

Como afirma Silêde, existiam mudanças que estavam acontecendo na cidade de Campina Grande, recriando ou recodificando as relações de gênero dos campinenses, mas por outro lado a historiadora observa que embora tal cidade já tenha ares cosmopolitas e comportamentos modernos, guardava ainda valores provincianos, ambigüidade que vai estar presente nas relações acontecidas nas primeiras décadas do século XX (CAVALCANTI, 2000:163).

E acerca das identidades femininas, como elas eram percebidas pelas pessoas em Campina Grande? Ou ainda, qual a identidade construída para as mulheres que se encontravam solteiras nos anos de 1950, também denominadas de “coroa”, “vitalina”, “titia” ou “tia”, “balzaqueanas”, e que se contrapõe a um outro perfil entendido como o modelo a ser seguido, o da mulher casada, mulher que possui um relacionamento estável, tendo um lar, esposo e filhos.

Na cidade de Campina Grande podemos perceber através dos artefatos culturais que circularam como foram sendo criadas tais identidades, representações ou lugares que as mulheres deveriam ocupar a partir dos discursos como o dos jornaizinhos de festa dos anos de 1950, que ao lermos sua seção de telegramas, seção para a qual as pessoas se comunicavam umas com as outras, a exemplo da afirmativa de uma pessoa que enviou um telegrama para o jornal campinense “O Oião” destinado as “balzaqueanas de Campina”, datado de 28 de Dezembro de 1956 cujo pseudônimo era “A viúva milionária”, que dizia: “Balzaqueanas de Campina. Deixe o “Quincas Portuga” em paz, ele não me troca por ninguém. (O Oião, 1956:3)

Com este discurso enviado por um telegrama através do jornal O Oião, a “A viúva milionária” manda um aviso para que as mulheres solteiras de Campina Grande, denominadas por ela de “balzaqueanas” que se afastem do homem o qual ela, aparentemente, possui um

relacionamento ou pretende possuir. Com essa denominação “A viúva milionária” afirma ao seu modo que as solteiras da cidade estariam bastante interessadas em arranjar um relacionamento. E pelas palavras dela, “Deixem o “Quincas Portuga” em paz (...)”, podemos perceber que as solteiras de Campina Grande, nesse caso, as que tinham interesse no “Quincas Portuga”, estavam, segundo os dizeres da “viúva milionária”, muito desesperadas.

Outra questão que podemos observar segundo as palavras da “viúva milionária”, é a maneira como ela denomina as solteiras, quando as chama de “balzaqueanas”. Fazendo uma analogia com a figura da mulher construída por Balzac, no livro *A mulher de trinta anos*, “a viúva milionária” deixa bem claro que entende as mulheres solteiras da cidade de Campina Grande como pessoas que além de estarem procurando com um certo desespero por um namoro, um relacionamento, estariam também passando da idade de se casar, já que o termo construído por Balzac se refere diretamente a idade das mulheres, que se tornariam “balzaqueanas” justamente na idade dos trinta anos em diante.

Porém, para compreendermos melhor como se deu essa construção da figura da mulher solteira, que foi estereotipada, negativizada, é necessário percebermos também como foi construído o “outro” da identidade da mulher solteira ou da balzaqueana, que nesse caso foi a mulher casada, compromissada ou que ainda iam se comprometer com um rapaz, a fim de que essa relação culminasse em casamento. A ela foi endereçada a maioria dos discursos que mostravam qual era o lugar que a sociedade esperava para as mulheres, o lar, cuidando dos filhos, do esposo e da casa.

Circularam na cidade de Campina Grande nos anos 50, principalmente nas colunas femininas que rumos a vida das mulheres deveria seguir, como elas deveriam se comportar, sem sair da vida privada. Nesses discursos, as articulistas, geralmente mulheres, enfatizavam sempre os problemas que a sociedade estava sofrendo por que muitas mulheres estavam saindo do lar para trabalhar, estudar, deixando de lado a vida doméstica. Isso é perceptível na observação feita pela articulista Teresa Souza, responsável pela seção feminina do jornal *O momento*:

“(...) A mocinha moderna, com algumas exceções, quando sobe os degraus do altar ostentando o seu mais gracioso sorriso – complemento do rico traje e do rico ramalhete que usa, pode saber tudo menos, o significado daquela solenidade tão bela, a quem os tempos nem as civilizações conseguiram tirar a poesia. Resultado...

não, não é o divórcio, por que não temos divórcio; é muito pior: casas que não são lares, filhos que não tem pai com “P” maiúsculo. E o mais triste em tudo é que, em regra geral, cada casamento desastroso prepara mais casamentos desastrosos, pois, segundo afirmam os entendidos no assunto, filhos de lares infelizes construirão lares infelizes também(...)” (O momento, 1950: 4)

A articulista Teresa Souza nos parece perceber alguns sinais da crise pela qual as identidades estavam passando, na sua perspectiva a situação com relação a fuga dos padrões pelas mulheres naquele momento estava se tornando um problema sério que ocasionava outros problemas, tendo várias consequências. Sendo que uma delas estaria se referindo a constituição do casamento pelas mulheres que não estariam vivenciando com seriedade as exigências trazidas pelos laços matrimoniais. E por que não estariam levando as obrigações do casamento tão a sério quanto deveriam elas estavam trazendo para a sociedade grandes problemas que culminavam em lares desestruturados.

Segundo Tereza Souza, as moças modernas daquela época não estavam se comportando realmente como deveriam estar enquanto mulheres casadas, já que ao estarem casadas deveriam seguir honrando o lar constituído por elas.

Nesse sentido, em detrimento das mulheres solteiras estavam as mulheres casadas, que continuavam seguindo o padrão normativo vigente na época, nesse caso, no lado oposto das solteiras. Portanto, para analisarmos esses discursos que produzem ambas as representações construídas entenderemos como eles fazem parte de um jogo de representações e de relações de força que terminam concorrendo entre si, produzindo assim os lugares sociais destinados a homens e mulheres.

Podemos então problematizar tais construções enquanto lugares sociais, identidades sociais, que podendo também serem entendidas como o resultado de relações de forças entre as representações impostas por aqueles que tem poder de classificar e de nomear (CHARTIER, 1988:19).

Assim, as representações acerca das mulheres solteiras seriam resultado dos discursos, assim como o dos jornais em questão, onde grupos sociais que de alguma maneira possuem posições privilegiadas na sociedade defendem suas idéias e as legitimam com seus discursos

que transmitem uma negatividade ou positividade quando se trata de qualificar as mulheres solteiras e as casadas.

Problematizando essas construções tanto do estereótipo negativizando a representação da mulher solteira, como a da imagem construída positivamente acerca da mulher casada pela ótica das relações de gênero, podemos colocar que ambas as construções, representações ou ainda identidades sobre as mulheres fazem parte de uma questão bem mais ampla, de um emaranhado fabricado pelas relações de poder. Relações de poder que constituem as relações de gênero, fabricando lugares, ou melhor, instituindo-os, reservando-os para as pessoas, por isso entendemos as identidades de gênero como atravessadas por discursos, práticas, símbolos, representações e práticas que arranjam e desarranjam os lugares sociais para cada sujeito. (LOURO, 1997:25)

Referências bibliográficas:

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia**: a Escola dos *Annales* 1929-1989. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

-----, **A escrita da história**. Novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

CAVALCANTI, Silêde Leila O. Mulheres modernas, mulheres tuteladas. O discurso jurídico e a moralização dos costumes – Campina Grande 1930/ 1950. Dissertação de mestrado. Recife:UFPE, 2000.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Vozes, 1997.

PERROT, Michelle. Dossiê História das mulheres do ocidente. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. In: ALGRANTI, Leila Mezan. (Org.). **Cadernos Pagu**: 1995 (4). pp. 9-28.

PESAVENTO Sandra J. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades**- Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En línea], Coloquios, 2004, Puesto en línea el 04 février 2005. URL: <http://nuevomundo.revues.org/index229.html>.

----- . História & História cultural. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SCAVONE, Lucila. O feminismo e Michel Foucault: afinidades eletivas? In: **O legado de Foucault**. FOULCAULT, Michel. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

SCOTT. Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**. Novas perspectivas. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro F; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da história** : ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

Jornais:

Oiã; 28 de Dezembro de 1953.

O momento; 12 de Novembro de 1950.